

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v32n2e25592>

A arte-educadora Aglaé Fontes no Centro de Criatividade (1985-2006): experimentar e descobrir

The Art Educator Aglaé Fontes at the Creativity Center (1985–2006): experiments and discoveries

La Educadora Artística Aglaé Fontes en el Centro de Creatividad (1985–2006): experimentar y descubrir

Rísia Rodrigues Silva Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7385-8986>

Joaquim Tavares da Conceição

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8826-8137>

Resumo: Este artigo analisa a atuação da professora Aglaé d'Ávila Fontes como diretora e arte-educadora no Centro de Criatividade, situado na capital Aracaju, estado de Sergipe, entre 1985 e 2006, destacando a sua contribuição para a arte-educação em um espaço cultural público. Criado em 1985, o Centro tinha como objetivo despertar o interesse pela arte em crianças, adolescentes e adultos, oferecendo oficinas de música, teatro, expressão plástica e literatura, além de apresentações culturais e jornadas de arte-educação. A pesquisa examina os significados atribuídos ao espaço e ao seu projeto arquitetônico em sua interação com a comunidade, o perfil do público atendido e as atividades promovidas. A metodologia combinou análise documental de fontes textuais e iconográficas, coletadas em acervos públicos e privados, incluindo o arquivo pessoal de Aglaé Fontes e o acervo do Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade, e a história oral, com entrevistas produzidas para o estudo. Os resultados destacam o papel do Centro de Criatividade como um espaço dinâmico de formação artística e cultural durante a gestão de Aglaé d'Ávila Fontes, ressaltando a sua colaboração para a valorização da cultura popular sergipana e para a ampliação do acesso à arte e à educação.

Palavras-chave: Aglaé Fontes; arte-educação; Centro de Criatividade; cultura popular; História da Educação.

Abstract: This article analyzes the role of Professor Aglaé d'Ávila Fontes as a director and art educator at the *Centro de Criatividade*, a place located in the capital city of Aracaju, State of Sergipe, from 1985 to 2006, highlighting her contribution to art education in a public cultural space. Founded in 1985, the *Centro* aimed to spark interest in art among children, adolescents, and adults, offering workshops in music, theater, visual arts, and literature, as well as cultural presentations and art education seminars. Therefore, this study examines the meanings attributed to the space, its architectural design, its interaction with the community, the profile of the audience served, and the activities promoted. The methodology combined documentary analysis of textual and iconographic sources gathered from public and private collections, including Aglaé Fontes' personal archive and the collection of the *Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade*, along with oral history interviews conducted specifically for the study. The results emphasize the role of the *Centro de Criatividade* as a dynamic space for artistic and cultural formation during Aglaé d'Ávila Fontes' administration, focusing her contribution to the preservation of Sergipe's popular culture and the expansion of the art access and education.

Keywords: Aglaé Fontes; art education; Creativity center; popular culture; History of Education.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Resumen: Este artículo analiza la actuación de la profesora Aglaé d'Ávila Fontes como directora y educadora artística en el *Centro de Criatividade*, ubicado en la capital Aracaju, del Estado de Sergipe, entre 1985 y 2006, destacando su contribución a la educación artística en un espacio cultural público. Fundado en 1985, el *Centro* tenía como objetivo despertar el interés por el arte en niños, adolescentes y adultos, ofreciendo talleres de música, teatro, artes visuales y literatura, además de presentaciones culturales y jornadas de educación artística. La investigación examina los significados atribuidos al espacio, diseño arquitectónico, interacción con la comunidad, perfil del público atendido y las actividades promovidas. La metodología combinó el análisis documental de fuentes textuales e iconográficas recopiladas en archivos públicos y privados, incluyendo el archivo personal de Aglaé Fontes y el acervo del *Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade*, además de entrevistas de historia oral realizadas específicamente para este estudio. Los resultados destacan el papel del *Centro de Criatividade* como un espacio dinámico de formación artística y cultural durante la gestión de Aglaé d'Ávila Fontes, señalando su contribución para la valorización de la cultura popular de Sergipe y la ampliación del acceso al arte y educación.

Palabras clave: Aglaé Fontes; educación artística; *Centro de Criatividade*; cultura popular; Historia de la Educación.

1 Introdução

Este artigo analisa a atuação da professora Aglaé d'Ávila Fontes como diretora e arte-educadora do Centro de Criatividade, um espaço cultural público localizado em Aracaju, no Sergipe, durante o período de 1985 a 2006. O estudo discute o significado do “lugar” e do espaço arquitetônico, as relações estabelecidas com a comunidade do entorno e as propostas de arte-educação implementadas sob a sua gestão. A pesquisa se insere no campo da História da Educação, pois explora a interface entre os processos educativos, os saberes e as experiências não escolares (Albuquerque, Buecke, 2019), bem como as investigações sobre a atuação de intelectuais em projetos educacionais em instituições culturais e educacionais (Alves, 2023; Bontempi Junior, 2020; Conceição; Santos, 2019).

Aglaé d'Ávila Fontes, nascida em 2 de novembro de 1934, no município de Lagarto, Sergipe, destacou-se como intelectual e educadora. Filha primogênita de Teófilo Fontes de Almeida, funcionário público federal, e de Mariêta d'Ávila Fontes, dona de casa, viveu a infância entre mudanças de cidade devido à profissão do pai, um coletor de impostos. Nos primeiros anos, a instrução escolar foi realizada em escolas públicas e privadas; a formação superior, na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. A trajetória de Aglaé incluiu a fundação de uma escola de música para crianças, a docência na Universidade Federal de Sergipe, a participação ativa em instituições e órgãos governamentais de educação e cultura, além de um notável envolvimento com o rádio, o teatro e ações de valorização da cultura popular sergipana. Também se destacou como escritora, com uma produção literária diversificada e significativa (Monteiro, 2021).

No ano de 1984, a professora Aglaé Fontes foi convidada pelo então governador do estado de Sergipe, João Alves Filho, para participar da implantação e da direção de uma escola de arte no bairro Getúlio Vargas, zona norte da Capital Aracaju. O novo espaço cultural, que seria construído na praça Saturnino de Brito, no terreno ocupado por uma antiga e desativada caixa d'água, que, no passado, abastecera a cidade, nascia com o propósito de oferecer gratuitamente atividades artísticas e culturais à comunidade. Por acumular experiências nas áreas da educação, arte e gestão, Aglaé Fontes aceitou o desafio e integrou-se ao projeto de criação do Centro de Criatividade (Fontes, 2018).

Para compreender o papel da intelectual Aglaé Fontes na implantação e no funcionamento do Centro de Criatividade, o recorte temporal da pesquisa determinou, como marco inicial, 1985, ano de fundação do Centro de Criatividade e, final, o ano de 2006, quando do término da atuação da professora no Centro. Nesse recorte espaciotemporal, a pesquisa documental levantou, reuniu e transformou em fontes, documentos textuais, iconográficos e audiovisuais identificados em acervos públicos e particulares, de entre outros, os pertencentes ao acervo documental do Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade, em acervos pessoais, especialmente da própria Aglaé Fontes, bem como da professora Maria das Graças Costa Souza de Menéndez e de Maria Fonseca Menezes Oliveira, esta última, coordenadora administrativa do Centro de Criatividade e diretora da casa no período de 1993 a 1994. Além disso, houve uma produção de fontes orais, ou “memórias de expressão oral” (Meihsy; Seawright, 2020), levantadas por meio de entrevistas¹.

A respeito do entendimento do significado de arte-educação, noção que esteve presente e fundamentou os projetos e as atividades da professora Aglaé Fontes no Centro de Criatividade, a pesquisa utilizou, entre outras contribuições, os estudos de Ana Mae Barbosa. Para ela, arte-educação é todo e qualquer trabalho consciente para desenvolver a relação de públicos (criança, comunidades, terceira idade) com a arte. A educadora defende que o ensino da arte traz uma contribuição à aprendizagem, pois amplia a possibilidade de interpretação, capacidade que será útil a qualquer área da vida (Barbosa, 2018, 2009).

¹ Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFS, através da inserção na Plataforma Brasil e foi aprovada em 8 de abril de 2020, recebendo o CAAE: 28070719.1.00005546; Número do Parecer: 3960.285.

Aglaé Fontes traçou o que denominou de “filosofia de ação” da Casa, marco fundacional que definiria a linha de atuação e o planejamento pedagógico do Centro de Criatividade. A proposta estava fundamentada, prioritariamente, em dois princípios: experimentar e descobrir.

É uma casa de experimentar e descobrir. O Centro oferecerá temas, tarefas de interesse, problemas a serem ressaltados, mas não deseja massificar as respostas e pretende fugir assustadoramente de modelos e predeterminismos. **Experimentar e descobrir, sonhar, tentar, errar, perceber e principalmente fazer se constituem o objetivo expressivo do Centro de Criatividade.** [...] Convém, entretanto que se clarifique a idéia de que o objetivo expressivo não está descompromissado com a organização, o estudo e a pesquisa. [...] **A educação, a cultura e a arte, nas suas mais variadas formas de expressão,** se constituem a maior preocupação do Centro. **O Centro de Criatividade não vai ensinar ninguém a criar! Ele vai, sim, oferecer a oportunidade de cada um descobrir do que é capaz, utilizando sua liberdade de criação** (Fontes, 1985, p. 6, grifo nosso).

Com o propósito de entender o Centro de Criatividade por meio da atuação da professora Aglaé Fontes, este artigo², além desta introdução, está estruturado em quatro partes. A primeira, intitulada “O lugar de instalação do Centro de Criatividade e as relações com a comunidade do entorno”, delineia questões relacionadas ao “lugar” em que foi instalado o Centro de Criatividade e apresenta aspectos relacionados ao projeto arquitetônico e à construção do Centro, assim como uma compreensão do público atendido e das relações com a comunidade local; a segunda, intitulada “A pedagogia das ‘oficinas de arte’: a cultura popular em evidência”, estabelece uma análise da pedagogia das oficinas promovidas pelo Centro de Criatividade; a terceira, denominada “Apresentações culturais e as jornadas de arte-educação”, destaca as encenações de teatro e os festivais musicais que tiveram lugar no Centro, bem como a contribuição do Centro para a formação de profissionais na perspectiva da arte-educação; por fim, na última parte, são apresentadas as considerações finais.

2 O lugar de instalação do Centro de Criatividade e relações com a comunidade

Em Aracaju, na década de 80 do século XX, no bairro Getúlio Vargas e nas adjacências, onde foi instalado o Centro de Criatividade, viviam figuras da cultura popular sergipana, a exemplo do mestre Euclides, do Guerreiro Treme-Terra, João da

² Produção do artigo financiada por meio Edital Chamada CNPq Nº 09/2022 -Bolsas de Produtividade em Pesquisa –PQ.

Cruz, do arraial do Arranca Unha e do seu José dos Santos, marcador de quadrilha junina. O local era marcado pela existência de morro, ladeiras, crianças brincando na rua, a tradição de “dar o caruru de Cosme e Damião”, obrigação de adeptos de religiões de matrizes africanas, e de um conjunto heterogêneo de artistas, que congregava roqueiros, forrozeiros e amantes de novos ritmos.

No bairro, ainda havia a Maloca, uma comunidade reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural dos Palmares (FCP), em 2007, e pelo Ministério da Cultura, em 2008. Os primeiros habitantes do lugar, descendentes de negros escravizados, vindos do município sergipano de Riachuelo, começaram a chegar a Aracaju no início do século XX em busca de trabalho. Na sequência, outros foram chegando de várias partes do estado, atraídos pelas possibilidades de conseguir trabalho e moradia. A região do antigo Morro do Cruzeiro foi então ocupada pelos recém-chegados, que ali construíam as suas malocas (Santos, 2017, 2021; Espírito Santo, 2011).

Nascido no entorno do bairro, o cantor e compositor Irmão³, em participação no programa televisivo *Aperipê Memória*, incluído no documentário “Caixa d’Água: Qui-lombo é esse?”, relatou algumas marcas e/ou movimentos culturais da região como a “Chegança, de João do Pão; do Guerreiro de Euclides [...]; tínhamos o Candomblé de dona Isabel [...], o candomblé de seu Lê [...] o samba de roda, o samba de coco do seu Enoque. Então eu acho que eu sou oriundo de uma região bastante rica [...]” (Caixa D’Água: qui-lombo é esse?, 2013).

Em 1984, o governador do estado, João Alves Filho, recebeu da comissão responsável pela elaboração do plano cultural do governo, composta pelos professores Fernando Lins de Carvalho (Subsecretário de Estado de Cultura e Arte), Clodoaldo Alencar Filho (professor da Universidade Federal de Sergipe) e Luiz Fernando Ribeiro Soutelo (membro do Conselho Estadual de Cultura), três sugestões para o aproveitamento da área ocupada pela antiga e desativada Caixa d’Água do bairro Getúlio Vargas: a construção de um hospital; de uma escola; ou de uma escola

³ Irmão era o nome artístico de Wellington dos Santos (1949-2010). Negro, alto, com sua inconfundível voz grave, chamava a atenção pelo talento musical, calma, elegância e gentileza no trato com todos. Irmão foi um atento observador das questões políticas e sociais. Suas composições passeavam pelo samba, reggae, forró e rock com um toque regional. Irmão circulava bem entre políticos, autoridades, imprensa, artistas sergipanos e a comunidade da Maloca e entorno. Ver Oliveira (2019) e Lisboa (2019).

de artes plásticas. O governador decidiu pela implantação de uma “escola livre de arte”, que seria denominada Centro de Criatividade (Sergipe, 1987).

O projeto foi encomendado ao arquiteto e urbanista curitibano Jaime Lerner, que, na época, já gozava de prestígio nacional e internacional. Lerner foi também político e, em sua primeira gestão como prefeito de Curitiba (1971-1975), idealizou o Teatro Paiol, construído no local que abrigava um antigo arsenal de pólvora. Na mesma administração, foi construído o Centro de Criatividade de Curitiba, nas antigas instalações de uma antiga fábrica de cola e beneficiamento de couro (Kawahara, 2021; Sharon, 2017).

O Centro de Criatividade ocuparia quase 12 mil m² de área, dos quais, cerca de 2,3 mil m², seriam de área construída, respeitando o relevo geográfico do local e aproveitando a estrutura da antiga Caixa d'Água (Silva, 2010). O projeto seguia uma tendência da arquitetura contemporânea, qual seja, dar novos usos, preferencialmente culturais, para antigas construções no espaço urbano. Essa “requalificação urbana” (Alves, 2016) se dá quando a função inicial pretendida para a construção já não tem mais sentido e/ou utilidade. No lugar de abandonar ou demolir a edificação, a arquitetura pode promover a reutilização, mantendo elementos simbólicos históricos e culturais do espaço. Esse reaproveitamento emprega novas tecnologias e torna o espaço atrativo sem, no entanto, descaracterizá-lo (Padovan; Boas, 2017).

Figura 1 – Vista aérea do Cento de Criatividade e entorno (década de 1980)



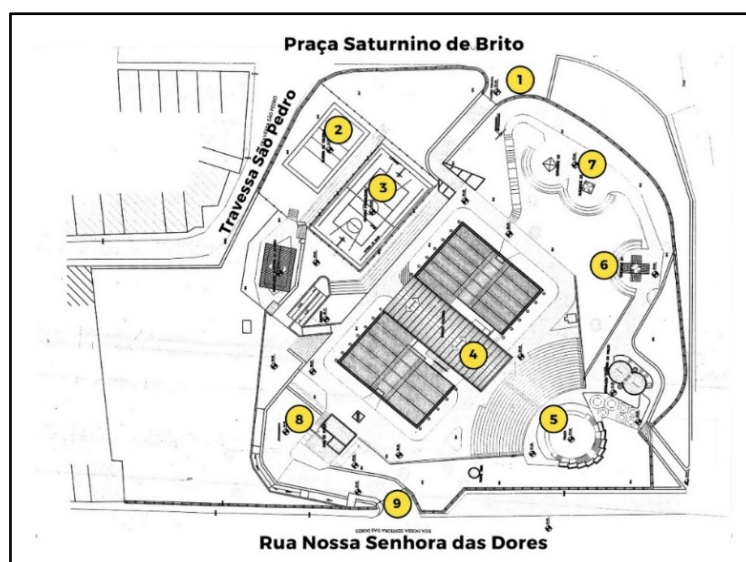
Fonte: Acervo do Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade.

A ideia de espaços culturais, principalmente centros de cultura, difundiu-se na França a partir da década de 1950. No Brasil, os centros culturais se propagaram com

mais intensidade a partir de 1980. São equipamentos que têm, como características, a reunião de várias opções de atividades culturais num único lugar e a capacidade de atrair um grande público (Silva, 2010). A figura 1 apresenta uma vista aérea do Centro de Criatividade e da região na qual ele foi implantado. Esteticamente, o resultado da obra chamava a atenção pelo tamanho, pela forma, pelas cores fortes em destaque na cobertura (vermelho, laranja) e pelos traços modernos; algo bonito de ver.

A figura exposta na sequência permite uma visão geral da área construída do Centro de Criatividade. A planta inclui o espaço destinado às salas, concha acústica e outras áreas. Na figura, estão identificados o acesso principal ao Centro de Criatividade, pela Praça Saturnino de Brito (1); quadras de vôlei e poliesportiva (2 e 3); espaço cultural e parte administrativa (4); concha acústica e arquibancada (5); quiosques, nos quais a comunidade comercializava comidas típicas em ocasiões festivas (6 e 7); estacionamento (8); e um segundo acesso ao Centro, pela rua Nossa Senhora das Dores (9).

Figura 2 – Planta da área construída do Centro de Criatividade, Aracaju/SE (1984)

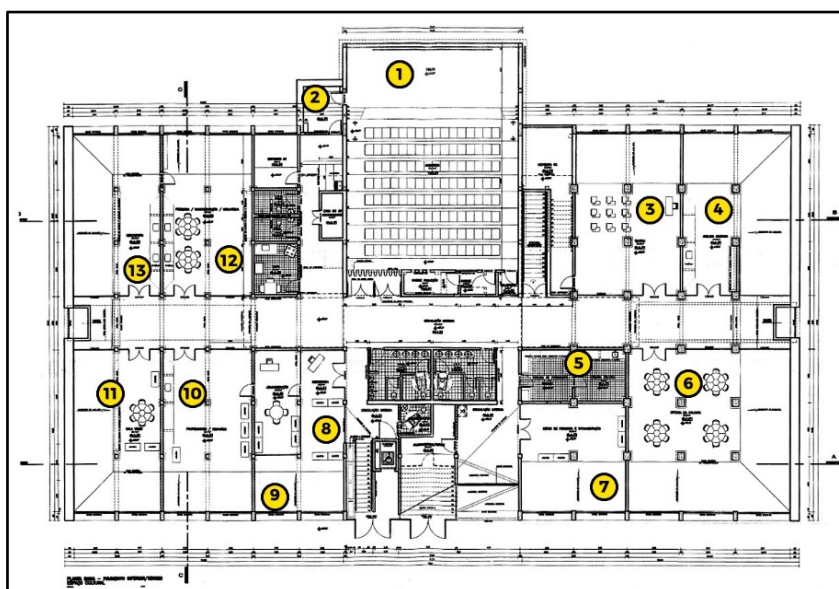


Fonte: Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade.

Na figura 3, a seguir, é apresentada a planta baixa do pavimento inferior do espaço cultural. Nesse piso, exatamente onde havia sido o reservatório de água, foram construídas as salas para oficinas, área administrativa, entre outras dependências. Na figura, estão identificados o auditório, com capacidade para 118 lugares, que funcionava como miniteatro, local para exibição de filmes e oficina de Iniciação Teatral (1); camarim (2); salas para oficina de Iniciação Musical (3); oficina

de Batik e Ateliê Gráfico (4); oficina de Fotografia e Câmera Escura (5); oficina da Palavra (6); e o Setor de Pesquisa, Documentação e Biblioteca (7). Do lado esquerdo do auditório, estão as salas da secretaria (8), da administração (9), da oficina de Teatro de Bonecos (10), da oficina de Música Ativa (11), da oficina Criar Crescer (12), da oficina de Brinquedo Popular e, eventualmente, da oficina de Xilogravura (13).

Figura 3 – Planta baixa do “Espaço Cultural” do Centro de Criatividade, Aracaju/SE (1984)



Fonte: Acervo do Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade.

As salas, em turnos distintos, podiam ser utilizadas por mais de uma oficina ou para outras atividades, a exemplo das reuniões da Ação Comunitária. No primeiro andar do prédio, ficava o restaurante do Centro de Criatividade, com uma vista privilegiada da cidade, mas que funcionou por pouco tempo. No mezanino, foi instalada a Sala Olívio Mathias, espaço destinado às mostras didáticas e exposições fotográficas.

No dia anterior à inauguração, a imprensa visitou o Centro e ouviu, de Aglaé Fontes, diretora da Casa, e de Fernando Lins, diretor-presidente da Fundação Estadual de Cultura (FUNDESC), órgão ao qual o Centro de Criatividade estava administrativamente vinculado, explicações sobre a construção e o funcionamento do espaço. Um vídeo, intitulado “Fala Comunidade”, com entrevistas de moradores do bairro contando a história do local, foi exibido para os convidados (Imprensa visitou ..., 1985; Centro de Criatividade ..., 1985).

Nos dias posteriores à inauguração, a imprensa continuou a registrar o acontecimento e a informar a respeito das inscrições para os cursos e oficinas da escola de arte. A boa receptividade da mídia à chegada do novo equipamento cultural foi extensiva à direção da Casa. O editorial da Gazeta de Sergipe ressaltou que o Centro de Criatividade parecia ter nascido compromissado com “as coisas sergipanas” e para atender a “todos os níveis de arte e da cultura, sem preconceitos e sem maniqueísmo. Aliás, a presença da professora Aglaé de Alencar na direção da casa é uma garantia de que não haverá privilégio de artes e de artistas. O povo terá vez [...]” (O Centro de Criatividade, 1985, p. 3). O Jornal da Cidade destacou que “a entrega da direção do Centro de Criatividade a uma personalidade que é do ramo – a professora Aglaé Fontes de Alencar – garante o pleno funcionamento da nova entidade sem cacoetes de falsa intelectualidade” (Governo e cultura, 1985, p. 5).

Quanto ao público atendido pelo Centro de Criatividade e às relações com a comunidade do entorno, no levantamento feito pela equipe do Centro de Criatividade para conhecer as características do bairro e as expectativas da comunidade em relação à chegada da escola de arte, percebeu-se que boa parte dos moradores da região era receptiva à construção de um equipamento cultural no local da antiga caixa d’água. Além das opções culturais que seriam oferecidas, a região seria valorizada e os moradores ficariam livres dos “frequentadores indesejáveis” (Silva, 2021). No entanto, foi também perceptível que, mesmo com a divulgação sobre a implantação do Centro de Criatividade via imprensa, muitos moradores não sabiam exatamente como funcionaria a instituição (Sergipe, 1987).

Logo que o Centro foi implantado, as oficinas de arte e as atividades nas quadras esportivas começaram a atrair crianças e adolescentes da comunidade local; enquanto crianças de outros bairros, muitas vezes, participavam das oficinas trazidas por pais, escolas, associações ou instituições assistenciais. Adultos, por sua vez, estavam especialmente interessados em oficinas de música e em atividades que ofereciam capacitação profissional, como fotografia e pirogravura. Além desse público voltado à recreação e à formação artística, o Centro também recebia professores em busca de qualificação em arte-educação.

Todavia, o clima de integração entre o Centro de Criatividade e a comunidade local nem sempre foi harmonioso. Muitos moradores sentiam-se invadidos em seu espaço e criticavam a aparente contradição de uma escola livre de arte que pregava

liberdade, mas impunha normas e limites. Afinal, eles se viam como “os donos da casa”. Ademais, embora várias crianças e adolescentes demonstrassem interesse pelas atividades oferecidas, resistiam ao cumprimento de horários ou à manutenção de uma frequência (Sergipe, 1987).

Enquanto alguns moradores do bairro Getúlio Vargas apoiaram a construção da escola de arte; outros se posicionaram contra. Parte dos artistas locais defendia que a antiga caixa d'água, desativada em 1972, fosse transformada em um ponto de cultura com galpões gerenciados por eles mesmos, em que poderiam produzir e gerar renda a partir de suas habilidades (Santos, 2015). O músico Antônio Passos Souza, residente do bairro naquela época, e participante dessas discussões, recordou que muitos compartilhavam a ideia de utilizar o equipamento cultural para ensaios e até mesmo para a criação de um estúdio, no qual os músicos sergipanos poderiam gravar as suas obras (Souza, 2020). Cícero Farias, cantor e músico do bairro, que posteriormente se tornaria professor de violão e de musicalização no Centro de Criatividade, declarou, no periódico do Centro de Criatividade, intitulado Expressão⁴, que, inicialmente, rejeitou a chegada da escola de arte, pois sentia como se a caixa d'água tivesse sido retirada dos moradores. Com o tempo, porém, a sua postura mudou, dando lugar a uma aceitação gradual (FALA comunidade, 1994).

No primeiro ano de funcionamento do Centro de Criatividade, atitudes desrespeitosas em relação à equipe da escola eram comuns: “Alguns adolescentes não só ridicularizavam os professores e suas propostas de atividades, como perturbavam as apresentações de espetáculos e as sessões cinematográficas com gritos e palavrões” (Sergipe, 1987, p. 5). A convivência com a comunidade exigia constante atenção, já que semanas tranquilas se alternavam com períodos conturbados. Como relatado por Aglaé Fontes: “Vivíamos dando alguns passos para frente e outros para trás na conquista da comunidade. A situação com frequência se tornava desanimadora [...]. As apresentações esportivas eram interrompidas com brigas, que chegavam até a troca de agressões [...]” (Sergipe, 1987, p. 7).

Experiente em gestão, a professora Aglaé idealizou estratégias para atrair os moradores insatisfeitos e integrá-los ao Centro de Criatividade. Uma dessas

⁴ Periódico institucional produzido ao longo de quase uma década no Centro de Criatividade. O jornal Expressão foi criado em 1986, com os objetivos de divulgar as ações do Centro de Criatividade para públicos diversos e fortalecer o elo entre a comunidade e a escola de arte. A criadora, editora e redatora de boa parte do conteúdo era a diretora da Casa, Aglaé Fontes. Ver Monteiro (2021)

estratégias foi a criação da “Ação Comunitária”, como explicou a educadora: “[...] eu queria um intercâmbio com a comunidade [...] conquistar as pessoas que moravam ali [...]. E aí a gente criou a Ação Comunitária” (Fontes, 2018). A “Ação Comunitária” era composta por uma assistente social e duas professoras e contou com a colaboração de moradores do bairro. Juntos, iniciaram um trabalho de sensibilização sobre o que era o Centro, a sua origem e a importância da participação comunitária. “As ideias de possuir, zelar, ajudar foram trabalhadas de forma intensa [...] compreendíamos também que muitas das agressões vinham como reação à ocupação daquele espaço [...]” (Sergipe, 1987, p. 8).

A realização de uma pesquisa com os moradores do entorno foi outra estratégia adotada para compreender as percepções da comunidade sobre o Centro de Criatividade. O objetivo era identificar o que apreciavam, o que desaprovavam, quais atividades das oficinas mais atraíam interesse e, sobretudo, acolher sugestões que pudessem fortalecer a relação entre o Centro e a comunidade.

Ao responderem ao questionário, os moradores da comunidade sugeriram diversas atividades, como a criação de uma escolinha de esportes, um grupo de capoeira e times de futebol. Algumas dessas propostas foram incorporadas à programação do Centro, incluindo a implementação de uma escolinha de capoeira. A imagem a seguir ilustra uma aula de capoeira na escolinha, envolvendo crianças e adolescentes da comunidade do entorno.

Figura 4 – Escolinha de capoeira. Centro de Criatividade (198?)



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisas do Centro de Criatividade. Autor: Marcel Nauer.

Apesar dos registros de conflitos com a comunidade, a maioria dos entrevistados que frequentou o Centro de Criatividade entre 1985 e 2006 não

ênfatizou as dificuldades iniciais de entendimento entre a escola de arte e parte dos moradores do Getúlio Vargas e do entorno. João Carlos de Jesus relatou:

Eu estudava de manhã, e fazia as atividades [no Centro] à tarde. [...] Domingo tinha o cinema e também várias atividades como pular corda. Lazer mesmo. Futebol, gincanas [...] A comunidade fazia as equipes, e o Centro de Criatividade organizava as gincanas e a gente ia com os mapas procurando pistas que eles davam para encontrar vários brindes pelo terreno do Centro [...]. A professora Aglaé sempre gostou que a comunidade participasse das atividades. Ela era fora de série. Muito calma, sempre com um sorriso no rosto, querendo agradar a comunidade [...] Tenho pra mim que o Centro foi um divisor de água para as crianças da minha época [...] Eu me emociono, porque hoje não tem mais nada do que a gente fazia antigamente (Jesus, 2018).

As memórias, moldadas por processos seletivos e constitutivos, preservaram prioritariamente as “boas lembranças”. José Carlos de Jesus, o “Joãozinho”, como era chamado na época em que corria pelos espaços do Centro, compartilhou detalhes sobre os lugares, pessoas e acontecimentos que marcaram a sua memória (Pollak, 1989). As representações da infância se entrelaçam com o olhar do hoje, evocando uma reflexão saudosista: o passado parecia melhor. Essas memórias, continuamente atualizadas, incorporam-se às interpretações do presente, oferecendo novas leituras do que já foi vivido.

O cantor e compositor Luiz Fontineli de Souza destacou a importância de sua experiência como aluno na oficina de violão do Centro de Criatividade, ministrada pelo professor Cícero Farias. Fontineli afirmou: “Aprendi música de qualidade, apurada e bem produzida com ele [...]. O Centro de Criatividade foi o maior incentivador da minha carreira. Foi lá onde eu realmente aprendi a gostar de música” (Souza, 2018).

3 A pedagogia das “oficinas de arte”: a cultura popular em evidência

As oficinas de arte, permanentes e temporárias – estas últimas com duração de três meses – foram as primeiras atividades oferecidas pelo Centro de Criatividade. Eram dirigidas a crianças, adolescentes e adultos. Os idosos também podiam participar, mas estes pouco frequentavam o espaço. O quadro a seguir apresenta as principais oficinas desenvolvidas nos primeiros três anos da Casa, a partir de diferentes áreas expressivas.

Quadro 1 – Oficinas e cursos do Centro de Criatividade (1985 a 1987)

Áreas expressivas	Oficinas
Artes visuais	Fotografia Iniciação Nível I Fotografia Desenvolvimento Nível II
Expressão Plástica	Batik, Pirogravura, Cerâmicas, Papel Artesanal, Chegou, entrou Iniciação ao Desenho, Serigrafia, Desenho
Literatura	Oficina da Palavra
Música Ativa	Iniciação Musical, Flauta Doce, Violão, Órgão Elétrico, Coral
Oficinas Integradas	Criar/Crescer, da Natureza, Ateliê Livre
Teatro	Iniciação à Linguagem Teatral, Teatro de Bonecos
Teatro para Arte-Educadores Cultura Popular	Teatro na Educação, Teatro de Bonecos e a Sala de Aula, Jogo Dramático Brinquedo Popular, Dança Folclórica

Fonte: Sergipe (1987); *Expressão* (1986, 1987, 1988); Menéndez (2020).

Mesmo com o trabalho de aproximação feito antes da inauguração com moradores do bairro Getúlio Vargas, a adesão da comunidade do entorno da Caixa d'Água ao Centro não foi imediata, como relata a ex-professora do Centro de Criatividade, Joana Gonçalves da Silva: “Foi um trabalho de formiguinha mesmo. A gente ia atrás, fazendo o corpo a corpo, chamando os meninos, conversando com as famílias. Era um trabalho de conquista” (Silva, 2021).

As práticas nas oficinas seguiam a “filosofia de ação” (Fontes, 1985), que, segundo a professora Aglaé, além de estimular a experimentação, defendia o respeito à criação, bem como advogava pela manutenção do elo com a cultura popular, por meio da valorização e do registro. Os alunos eram incentivados a questionar e sugerir. Os professores do Centro de Criatividade eram estimulados a refletir e avaliar métodos, fazer as adaptações necessárias, corrigir propostas inadequadas, ousar e evitar “pedagogismos”. Na oficina de música, por exemplo, a professora Aglaé Fontes propunha reflexões sobre os objetivos da atividade e oferecia sugestões de como desenvolver o trabalho, conforme indicado a seguir:

Para quê? [...] Aberta à experimentação, a oficina se propõe não a descobrir ‘talentos’, ‘diplomar estudiosos’ ou fazer um trabalho puramente mecânico, mas sobretudo, e principalmente, afirmar a sensibilidade; desenvolver novas linguagens [...]

Como fazer? Desenvolver atividades que trabalhem: integração do esquema corporal; domínio na educação perceptiva; estímulo ao fazer musical; estímulo ao estudo individual e à ação grupal; desenvolver a atividade musical; a prática vocal e instrumental; desenvolver a prática de adaptação e readaptação dos fatos musicais, como uma resposta às suas necessidades; ter a música como uma função aberta, gestual e corporal, integradora; organizar amostragem de experiência (Fontes, 1985, p. 14).

Concluídas as oficinas, que, em média, duravam um semestre, os participantes apresentavam-se nas chamadas “amostragens didáticas” no próprio Centro de Criatividade. Para Aglaé Fontes, acompanhar o desenvolvimento dos alunos e permitir que eles compartilhassem publicamente as descobertas e o aprendizado era “um compromisso pedagógico” (Fontes, 2018). A figura a seguir apresenta um registro da atuação da educadora em uma das oficinas de música com criação da circunvizinhança do Centro de Criatividade.

Figura 5 – Professora Aglaé Fontes com crianças na ministração da Oficina de Iniciação Musical. Centro de Criatividade (1985)



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisas do Centro de Criatividade. Autor: Marcel Nauer.

A iniciação musical, registrada na fotografia apresentada anteriormente (Figura 5), foi realizada a partir de práticas ativas que estimulavam as percepções sensoriais. Essa abordagem leva à descoberta do mundo sonoro sem apego a formalismos e modelos rígidos, respeitando as etapas de desenvolvimento da criança e valorizando a sua capacidade criativa. Essas práticas, defendidas pelo músico belga Edgar Willems e conhecidas pela professora Aglaé Fontes através dos Seminários Livres de Música na Universidade Federal da Bahia, foram adotadas nas oficinas de iniciação musical do Centro de Criatividade (Alencar, 1997; Fontes, 2021).

Na figura exposta na sequência, dois momentos do lançamento do livro “Minhas Estórias”, de alunos da Oficina da Palavra, são expostos. Inicialmente, a oficina teve pouca aceitação, pois as crianças achavam que iam escrever “como na escola”; depois, a proposta foi bem aceita, pois a palavra trabalhada era escrita,

cantada, desenhada, teatralizada. O objetivo expressivo era comunicar ideias (Tavares, 2020).

Figura 6 – Lançamento de livros escritos por alunos da Oficina da Palavra. Centro de Criatividade (1987)



Fonte: Núcleo de Documentação e Memória do Centro de Criatividade.

A Oficina de Teatro de Bonecos atraía principalmente o interesse de adolescentes. Com Augusto Barreto Doria, diretor do grupo teatral de bonecos Mamulengo de Cheiroso, os alunos aprendiam sobre interpretação, prosódia, técnicas de manipulação dos bonecos, sonoplastia e também carpintaria para a produção de elementos do espaço cênico. Além de trabalhar o teatro como expressão artística, havia, nessa oficina, a intenção de formar bonequeiros, que são os criadores e atores de bonecos. Sob a orientação de Augusto Barreto, os alunos confeccionavam os bonecos, roupas e adereços, montavam textos, preparavam trilha sonora e se apresentavam, no fim da oficina, no miniteatro do Centro de Criatividade (Sergipe, 1987; Silva, 2021; Doria, 2021). Na figura a seguir, consta o registro de uma dessas apresentações.

Figura 7 – Apresentação do espetáculo “A viúva alucinada” com alunos da Oficina de Teatro de Bonecos. Centro de Criatividade (1985)



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisas do Centro de Criatividade. Autor: Marcel Nauer.

Os temas regionais e textos de autores nordestinos eram constantemente explorados nas oficinas de teatro de bonecos, com o objetivo de valorizar a cultura popular. No registro anterior (Figura 7), a plateia é composta principalmente por crianças. Nessas ocasiões, o Centro promovia a formação de públicos, uma das possibilidades da arte-educação. Além de proporcionar diversão, essas apresentações podiam despertar nos espectadores o interesse pela arte e incentivá-los a participar das oficinas oferecidas pela Casa.

Olga Rebervel⁵ (1989) afirma que, entre as atividades de expressão verbal, o teatro de bonecos “é o melhor recurso para desenvolvimento da linguagem verbal. Quando a criança tem em mãos um fantoche e se mantém oculta por uma cortina, sente-se à vontade para falar e inventar os mais diversos tipos de diálogo ou monólogo” (Reverbel, 1989, p. 66). Nas mãos de arte-educadores, ensina a professora Aglaé Fontes, a brincadeira do teatro de bonecos pode ser um instrumento para estimular o aluno e ainda repassar conhecimentos das áreas de matemática, história, literatura, entre outras (Alencar, 1998).

A oficina do brinquedo popular era uma das mais procuradas pelas crianças, tanto as da comunidade, como as de outros bairros. A proposta da oficina era dar oportunidade para que elas criassem, sem modelos rígidos, os próprios brinquedos. À professora, cabia acompanhar as experiências e orientar, se solicitada, mas sem interferir no fazer, sem direcionar a produção. Como resultado, caixas, latas e outros materiais de sucata eram transformados em brinquedos.

Figura 8 – Oficina do Brinquedo Popular do Centro de Criatividade (1986)



Fonte: Acervo de Altair Oliveira Trindade. Autora: Edinah Mary.

⁵ Olga Garcia Reverbel (1917-2008) foi uma das responsáveis no Brasil pela configuração do ensino do teatro nas escolas. Escreveu livros didáticos sobre o ensino do teatro. Para saber mais, ver Varela (2017).

No registro fotográfico anterior (Figura 8), é possível observar os alunos engajados na confecção de seus brinquedos, sob a orientação atenta da professora Altair Trindade. A cena captura um momento de criatividade, em que as crianças manipulam materiais simples, como madeira, tecido e barbante, transformando-os em brinquedos artesanais cheios de significado. A oficina do brinquedo popular, inicialmente proposta como uma atividade lúdica e opcional dentro do projeto “Sempre aos Domingos”, rapidamente ganhou destaque devido ao entusiasmo dos participantes. O interesse demonstrado pelos alunos não apenas pela construção, mas também pela preservação dessas tradições, fez com que a atividade fosse reavaliada e, posteriormente, incorporada como uma oficina permanente. Essa decisão reforçou o compromisso do projeto com a valorização da cultura popular, além de estimular a autonomia e a capacidade inventiva das crianças.

4 Apresentações culturais e as jornadas de arte-educação

A concha acústica e/ou as quadras esportivas do Centro de Criatividade também serviam de palco para apresentações teatrais. No registro a seguir, o Grupo Imbuaça encena, numa das quadras, a peça do teatro de cordel “Matuto com Balaio de Maxixe”, um texto do poeta popular alagoano José Pacheco da Rocha, com adaptação de Antônio do Amaral. O texto fazia parte do espetáculo “Teatro chamado cordel” (Amaral Filho, 2021). Na cena registrada na figura em sequência, estão os atores Dino Santos (à esquerda) e Mariano Antônio Ferreira (à direita). Este último foi bolsista de arte da UFS/Funarte, na década de 1980, quando Aglaé Fontes atuou no Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e foi professor da oficina de teatro, posteriormente, dirigiu o Centro de Criatividade por um curto período, no ano de 1995. O Grupo Imbuaça era dirigido por Lindolfo Amaral, que foi também bolsista de arte da UFS e desenvolveu pesquisa orientada pela professora Aglaé Fontes nos anos finais da década de 1970.

Figura 9 – Apresentação da peça “Matuto com balaio de Maxixe”, pelo Grupo Imbuaça. Centro de Criatividade. (198?)



Fonte: Acervo de Joana Gonçalves da Silva.

O Centro de Criatividade também foi espaço para a realização do Festival Estudantil de Música Popular Novo Canto⁶, uma iniciativa cultural do Governo de Sergipe, realizada por meio da Fundação Estadual de Cultura a partir de 1984. Esse festival teve a concha acústica do Centro de Criatividade como palco a partir da sua segunda edição, em 1985⁷.

Figura 10 – Final do Festival Estudantil de Música Popular Novo Canto no Centro de Criatividade (1985)



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisas do Centro de Criatividade. Autor: Marcel Nauer (1985).

⁶ O Novo Canto envolveu alunos das redes pública e particular de ensino. Até os anos 1990, o festival foi realizado com sucesso e revelou vários nomes da música em Sergipe. Ver Monteiro (2021)

⁷ A primeira edição foi realizada no Auditório Lourival Batista, em 1984, sob a coordenação de Jorge Lins. A partir da segunda edição, o festival foi coordenado por Irineu Fontes. O Novo Canto aconteceu até 1989. Depois, foram realizadas algumas edições nos anos de 1990 e 2000. Ver Santos Júnior (2020).

Para os moradores do bairro Getúlio Vargas e entorno, era motivo de orgulho que ali fosse realizado um evento musical tão significativo para a cidade. Esse sentimento era reforçado por verem, entre os participantes do evento, os próprios moradores do bairro, como Marco Odara e Antônio Passos. Eduardo Oliveira, músico que frequentou o Centro de Criatividade, lembrou a movimentação nos eventos realizados no local: “[...] Eu me lembro das festas que havia lá, nos festivais de música, apresentações de quadrilhas, em todos os eventos, era lotado [...]. Havia filas de carro até a avenida Pedro Calazans, mobilizava a cidade” (Oliveira, 2020).

Como visto, o Centro de Criatividade, uma escola livre de arte-educação, que se propunha a oferecer possibilidades de experimentação e de descoberta de várias linguagens artísticas, abria espaço para diversificadas manifestações da cultura popular, de e para públicos e artistas sergipanos. Além das edições do Festival Novo Canto, na concha acústica do Centro, apresentavam-se, ainda, a Orquestra Sinfônica de Sergipe, bandas, corais, espetáculos de dança, espetáculos circenses, grupos folclóricos e parafolclóricos, entre outros.

A valorização da cultura popular sergipana também se dava por meio do incentivo às manifestações culturais da comunidade do Getúlio Vargas e adjacências. Nesse sentido, o Centro de Criatividade desenvolveu ações de fortalecimento dos festejos juninos e natalinos do bairro ao criar o “Projeto João da Cruz”, coordenado pela “Ação Comunitária” da escola de arte. Aglaé Fontes acompanhava tudo de perto, dando suporte e promovendo a mediação das manifestações culturais do bairro com vários públicos.

Os festejos juninos tinham sido motivo de orgulho para os moradores dos bairros Cirurgia e Getúlio Vargas. Casamentos na roça, quadrilhas, comidas típicas e forró faziam parte da programação comandada, no passado, por “seu” João da Cruz, criador do arraial do Arranca Unha, que, entre as décadas de 1950 e 1960, animava a comunidade dos arredores da Caixa d’Água. O arraial do Arranca Unha foi resgatado e instalado no mês de junho de 1985 na concha acústica do Centro de Criatividade. Foi também instituído um concurso de quadrilha e criado o “Troféu João da Cruz” para agraciar quadrilheiros, marcadores e músicos. A seguir, um registro do concurso de quadrilha junina do Centro de Criatividade.

Figura 11 – Apresentação da quadrilha junina Arrasta-Pé no Arraial do Arranca Unha, na Concha acústica do Centro de Criatividade (198?)



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisas do Centro de Criatividade. Autor: Marcel Nauer.

Também inserido na programação do “Projeto João da Cruz”, estava o ciclo natalino, que, entre outras ações, promovia um concurso de presépio e apresentações de autos de Natal⁸. Nessas ocasiões, pode-se perceber a presença da Aglaé Fontes como mediadora cultural, desenvolvendo ações no sentido de preservar uma tradição e fazendo circular conhecimentos e valores, colocando “[...] bens culturais em contato com grupos sociais mais amplos, formando públicos, ‘criando’ novos produtos culturais ou novas formas de comunicação e aproximação de produtos culturais conhecidos [...]” (Gomes; Hansen, 2016, p. 17). Os concursos de presépio realizados pelo Centro de Criatividade envolviam principalmente moradores do entorno.

A chegada do Centro de Criatividade representou também uma possibilidade de formação e/ou atualização para arte-educadores no estado. As oficinas, as palestras, congressos, jornadas pedagógicas e outras atividades realizadas na escola de arte eram oferecidas gratuitamente aos professores de escolas públicas e particulares. A própria equipe do Centro precisou de uma formação para atuar em consonância com a “filosofia de ação” daquela escola de arte. Pedagogos, atores, músicos, fotógrafo, desenhista, licenciados em História, Letras, Geografia e Química

⁸ Auto é uma forma teatral de enredo popular com bailados e cantos que aborda temáticas religiosas ou profanas, representadas nos ciclos natalinos (dezembro e janeiro). Desde o século XVI, os jesuítas usavam os autos religiosos como elemento de catequese. Ver Cascudo (1988).

faziam parte da equipe do Centro de Criatividade. A maioria desses professores tinha experiência na área artística.

Todos os professores foram selecionados por Aglaé Fontes, que já havia trabalhado com muitos deles. Alguns participaram do Bolsa Trabalho Arte/UFS durante o período em que a professora atuou no Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe (CULTART/UFS). Muitos dos professores da equipe eram integrantes da Secretaria de Educação do Estado e foram cedidos ao Centro de Criatividade, enquanto outros foram contratados pela Fundação Estadual de Cultura (FUNDESC) (Trindade, 2020).

O Centro de Criatividade era aberto ao público de terça-feira a domingo e reservava as segundas-feiras para a atualização de sua equipe. Sobre esses encontros, relembrou a professora Aglaé: “Nas segundas, tínhamos as ‘reuniões pedagógicas’ ou ‘tardes de estudo’. Como o Centro foi um desbravador da arte-educação no estado, era preciso que as ações fossem fundamentadas, nada deveria ser feito de forma aleatória” (Fontes, 2020). Vê-se, na valorização do pensamento como fonte estimuladora para o fazer, a recepção de Dewey nas práticas pedagógicas defendidas por Aglaé Fontes. Era preciso inculcar na equipe o hábito de pensar de maneira reflexiva (Dewey, 2010; Westbrook; Teixeira, 2010).

Nas reuniões, eram trabalhados textos, que depois seriam compartilhados na seção “Oficina do pensar e fazer”, do jornal Expressão, a fim de que outros professores, leitores do periódico da Casa, tivessem acesso ao material. Cada texto era introduzido por uma “ideia estimuladora”, seguida de um convite ao pensar e ao fazer. Eram ainda apresentadas sugestões de trabalho, que podiam associar diversas linguagens expressivas numa atividade ou utilizar uma linguagem em atividades variadas.

Sobre as reuniões pedagógicas, lembrou Maria das Graças Costa Souza de Menéndez, responsável pela Oficina de Batik: “A professora Aglaé sempre levava um texto para ser trabalhado com todos nós. Cada um dentro da sua área ia vendo o que podia aproveitar daquele tema na sua oficina. Ela botava a gente para pensar, e eram muito boas as tardes de estudo” (Menéndez, 2019).

As oficinas buscavam trabalhar de forma integrada várias áreas expressivas. Para além da palavra escrita, a expressão corporal, a música, as atividades plásticas e o teatro foram incluídos no planejamento, que pretendia ainda oferecer aos alunos

as experiências de visitação a jornais da capital e de produção de um jornal. A apresentação de relatórios e planejamentos durante as reuniões tinham como objetivo acompanhar as práticas dos professores e o desenvolvimento das crianças nas oficinas.

Em 10 de setembro de 1990, com a assinatura do Decreto Estadual nº 11.793, o Centro de Criatividade passou a ser denominado oficialmente uma “Unidade de Arte-Educação para desenvolver atividades de atualização e/ou especialização de professores na área” (Sergipe, 1990). Dessa fase, algumas experiências formativas podem ser destacadas, como as Jornadas de Arte-Educação e a experiência-piloto de arte-educação envolvendo a Escola de 1º Grau Dr. Manoel Luiz.

De maio de 1988 a março de 1991, Aglaé Fontes esteve à frente da Secretaria de Estado de Cultura e Meio Ambiente; em 1992, a professora assumiu a Secretaria de Estado da Educação; e, de 1993 a 1994, foi secretária especial de Cultura no governo estadual. Apesar de sua saída para ocupar esses cargos, Aglaé Fontes manteve-se envolvida com as atividades da escola de arte. Como secretária de Estado, Aglaé Fontes agilizava e efetivava ações envolvendo o Centro de Criatividade. No período de 1990 a 1993, foram realizadas sete Jornadas de Arte-Educação naquela escola de arte. Sobre as jornadas, rememorou a professora Aglaé Fontes: “[...] a experiência que foi vivenciada no Centro não foi só para aquela comunidade. As jornadas de Arte-Educação eram para todos os professores que quisessem. Não era cobrado nada, e os professores participavam” (Fontes, 2019).

As jornadas duravam em média uma semana, período em que eram realizadas palestras e discussões pela manhã e oficinas de arte à tarde. Foram palestrantes nas jornadas especialistas em Arte-Educação, como Miriam Celeste Martins⁹, Lais Aderne¹⁰, Walburga Arns¹¹ e Aglaé Fontes (Amaral Filho, 2018). Os professores do Centro de Criatividade também ministravam oficinas durante as

⁹ Miriam Celeste Martins é arte-educadora, escritora, mediadora cultural, licenciada em Desenho e Plástica e especialista em História da Arte. É membro do Conselho Mundial da Insea/América Latina (International Society of Education Through) e professora do Programa de Pós-Graduação: Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Com informações do jornal *Expressão* (1991) e Martins (2021).

¹⁰ Lais Fontoura Aderne Faria Neves (1937-2007) nasceu em Diamantina-MG. Foi pintora, gravadora, arte-educadora e curadora. Com informações de: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/artistas/a/aderne-lais> ; <https://museucerrado.com.br/ecomuseu-do-cerrado/lais-aderne/>

¹¹ Walburga Arns da Silva é escritora, artista plástica e professora aposentada da UFS. Ver Monteiro (2021).

jornadas. Na figura a seguir, encontra-se um registro de uma das atividades da IV Jornada de Arte-Educação, realizada em 1992, que teve como tema “Desafio à criação”.

Figura 12 – IV Jornada de Arte-Educação do Centro de Criatividade (1992)



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa do Centro de Criatividade.

Na figura anterior (Figura 12), no palco do miniteatro da Casa, consta o registro de um exercício de produção artística-visual a partir de uma modelo-viva. A proposta não era descobrir artistas, mas constatar que todos eram capazes de criar, cada uma dentro das suas possibilidades. Experimentar e descobrir, princípios defendidos na “filosofia de ação” do Centro de Criatividade, também eram válidos para os participantes das Jornadas de Arte-Educação.

Sobre as Jornadas de Arte-Educação, a escritora Mirian Celeste, palestrante em todas as edições dos encontros, lembrou da participação dos professores e da atmosfera de interação incentivada por Aglaé Fontes. Ao rever fotografias de oficinas e dinâmicas realizadas no palco com participantes, em uma das Jornadas de Arte-Educação, Mirian Celeste relembrou o período e observou: “O lugar era incrível [...] e Aglaé era mestra nesse sentido de colocar a gente com os professores. Não para fazer uma palestra e todos ouvirem, baterem palmas e fazer perguntas. Era uma coisa de estar junto mesmo, conversando a respeito [...]” (Martins, 2021)

5 Considerações finais

Convidada pelo governador do estado João Alves Filho, em 1984, para participar da implantação e dirigir o Centro de Criatividade, Aglaé Fontes licenciou-se da UFS e dedicou-se integralmente ao projeto. Para o novo espaço cultural da cidade, ela levou a sua experiência com arte e educação acumulada nos 30 anos de atividades exercidas em espaços formais e não formais. A professora incorporou ainda ao Centro as suas experiências no teatro, na música, no rádio, em gestão e no campo da pesquisa. No Centro de Criatividade, Aglaé Fontes também trabalhou com a formação de arte-educadores e promoveu ações visando à valorização da cultura popular sergipana, bem como ampliou seus projetos como mediadora cultural.

Para o funcionamento do Centro de Criatividade, inaugurado em maio de 1985, Aglaé Fontes utilizou concepções educacionais calcadas na ideia de “experimentar e descobrir”. A liberdade de criação e de expressão era preconizada, mas nada deveria ser feito de forma aleatória; havia um compromisso com a arte-educação, uma educação que parte tanto da expressão de sentimentos e emoções, quanto de valores culturais da comunidade e da pesquisa. O pensamento deveria ser a fonte de estimulação do fazer.

Nesse sentido, foi possível identificar princípios da pedagogia ativa, no incentivo permanente da professora Aglaé aos processos de experimentação, de descoberta e de reflexão vivenciados no cotidiano do Centro. O valor da experiência e do “pensar para fazer” são destacados pela professora em textos publicados no jornal Expressão, periódico da Casa, e nas oficinas e cursos de formação de arte-educadores oferecidos pelo Centro de Criatividade.

Por meio do projeto pedagógico elaborado pela educadora, o qual considerou valores culturais e especificidades do bairro e do entorno do Centro de Criatividade, foram criadas oficinas de música, de teatro, de fotografia, de literatura, de brinquedo popular, entre outras atividades que proporcionavam o acesso à arte, com destaque para as produções sergipanas. Crianças, jovens e adultos da comunidade do Getúlio Vargas e entorno, como dos demais bairros da cidade, frequentaram as atividades desenvolvidas na escola de arte. O Centro de Criatividade não pretendia formar artistas, mas, de suas oficinas e cursos, saíram alguns atores e músicos. A diretora

Aglaé Fontes também se envolvia nas oficinas e cursos, ministrando aulas de iniciação musical e de formação de arte-educadores.

O Centro oferecia ainda outras atividades, como práticas esportivas, mostras didáticas, seções de cinema, espetáculos teatrais, exposições fotográficas e shows musicais realizados na sua concha acústica. No local, foram realizados eventos culturais que envolveram pessoas de diversos bairros da cidade, de entre eles, destacam-se o Festival Estudantil de Música Novo Canto e o concurso anual de quadrilha junina realizado no arraial do Arranca Unha.

O Centro de Criatividade, a “casa de experimentar e descobrir”, como a professora Aglaé se referia ao Centro, tinha como proposta difundir as manifestações culturais – artes plásticas, cênicas e visuais –, por meio da realização de cursos, oficinas de artes e da viabilização de espaços para apresentações de grupos folclóricos e artistas locais de diferentes gêneros culturais. Constatou-se, nas ações e projetos educacionais de Aglaé Fontes, a ênfase da educação através da arte e, nessa proposta, a intelectual priorizou a cultura popular sergipana. Nesse sentido, o Centro de Criatividade foi responsável pela formação de recursos humanos para a educação e a cultura e pelo apoio a projetos e/ou ações em prol do fortalecimento da identidade cultural sergipana.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa.; BUECKE, Jane Elisa Otomar. Educação não escolar: Balanço da produção presente nos Congressos Brasileiros de História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e069, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e069>. Acesso em 27 dez. 2024.
- ALENCAR, Aglaé d'Ávila Fontes de. A educação musical e o folclore. In: **Caderno Pedagógico**. Salas de Cultura e Arte. Projeto Inovações Pedagógica. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e do Lazer. Aracaju (SE), 1997. p.45-53.
- ALENCAR, Aglaé d'Ávila Fontes de. **Cartilha de Japarutuba**. Secretaria de Estado da Educação. Projeto Nordeste. Inovações Pedagógicas/MEC, 1998.
- ALVES, Claudia. Intellectuals and history of education: challenges to research and current education. **História da Educação**, v. 27, p. e128993, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/128993>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- ALVES, Glória Anunciação. Processos de requalificação das áreas centrais das cidades de Belém, Marabá e São Paulo. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 2, p. 364-375, mês. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/issue/view/6465>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2014.84539>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- AMARAL FILHO, Lindolfo Alves. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2018.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009. (Coleção Debates).
- BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Editora Cortez, 2018.
- BENEVIDES, Lourdisnete Silva. **Abram-se as cortinas: a História da formação teatral em Aracaju, Sergipe (1960-2000)**. 2015. 383 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.
- BONTEMPI JUNIOR, Bruno. Pensamento educacional e intelectuais na história da educação brasileira. **Quaestio** - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 145–166, 2020. DOI: 10.22483/2177-5796.2020v22n1p145-166. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3574> Acesso em: 27 dez. 2024.
- CAIXA D'Água: qui-lombo é esse?. Filme. Direção Everlane Moraes. Brasil. 1 DVD (15 min.). 2013.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CENTRO de Criatividade é mostrado a toda imprensa. **Tribuna de Aracaju**. Aracaju, 10 de maio de 1985. p. 1.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; SANTOS, Laísa Dias. A temática intelectuais na escrita da história da educação em Sergipe (2004-2018). **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista,

v. 15, n. 35, p. 407-425, 2019. DOI: 10.22481/praxisedu.v15i35.5689. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5689> . Acesso em: 30 dez. 2024

DEWEY, John. **Arte e experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DORIA, José Augusto Barreto. Entrevistas concedidas à Rísia Rodrigues Silva. Aracaju, Sergipe, 2021.

ESPÍRITO SANTO. Franklin Timóteo Souza do. **Quilombo urbano maloca**: territorialidade e ressignificação de processos identitários. 2011. 127f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional – Cultura e Representações) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

EXPRESSÃO. Centro de Criatividade. Aracaju, Sergipe, nº 1, nov. 1986.

EXPRESSÃO. Centro de Criatividade. Aracaju, Sergipe, nº 2 fev. 1987.

EXPRESSÃO. Centro de Criatividade. Aracaju. Sergipe, nº 3 dez. 1987.

EXPRESSÃO. Centro de Criatividade. Aracaju, Sergipe, nº 4 maio 1988.

EXPRESSÃO. Centro de Criatividade. Aracaju, Sergipe, nº 5 jun. 1988.

EXPRESSÃO. Centro de Criatividade. Aracaju, Sergipe, nº 10, 1991.

FALA Comunidade. Expressão. Nº14, Aracaju, Sergipe, 1994. p. 9.

FONTES, Aglaé d'Ávila. **Filosofia de ação do Centro de Criatividade**. Aracaju, 1985. (Acervo de Maria Aliete dos Santos).

FONTES, Aglaé d'Ávila. Entrevistas concedidas à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2018, 2019, 2020, 2021.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Disponível em: www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/historia/40-anos/. Acesso em 31 dez. 2024.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. (org.) **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOVERNO e Cultura. **Jornal da Cidade**. Aracaju, Sergipe, 12 e 13 maio, 1985, p.5.

IMPrensa visitou ontem o Centro de Criatividade. **Tribuna de Aracaju**, Aracaju, 10 maio 1985, p. 2.

JESUS, João Carlos de. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2018.

KAWAHARA, Paulo. Informações sobre projetos [mensagem pessoal] de paulo@jaimelerner.com. Recebida por risiarodrigues@destaquenoticias.com.br em 14 jan. 2021.

LAIS Fontoura Aderne Faria Neves. *In*: **UFRGS**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/artistas/a/aderne-lais>. Acesso em: 20 nov. 2019.

LAIS Aderne. In: **Museu do Serrado**. Disponível em: museucerrado.com.br/ecomuseu-docerrado/lais-aderne/. Acesso em: 20 nov.2019.

LISBOA, Rubens. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2019.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro [Google Meet]. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe B; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: História Oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MENÉNDEZ, Maria das Graças Costa Souza de. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2020.

MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva. **Os saberes e fazeres de Aglaé D'Ávila Fontes: uma educadora e mediadora cultural sergipana (1955-2005)**. 2021. 316 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15461>. Acesso em 15 nov. 2024.

O CENTRO de Criatividade. **Gazeta de Sergipe**. Aracaju, 11 maio 1985, Editorial, p. 3.

OLIVEIRA, Antônio Carlos. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2020.

PADOVAN, Leonardo Diba Gonçalves.; BOAS, L.V. A Influência da arquitetura na requalificação de espaços e edifícios urbanos – o caso do SESC Cadeião Cultural. Ourinhos. 2017. Disponível em: http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2017/pdf/03_22.pdf. Acessado em: 08 de Mar. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em 15 dez. 2023.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

SANTOS JÚNIOR, Irineu Fontes. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2020.

SANTOS, Rosivaldo Alves dos. Entrevistas concedidas à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2017, 2021.

SERGIPE. Decreto nº 11.793, de 10 de setembro de 1990. Aracaju: Diário Oficial do Estado de Sergipe, 1990.

SERGIPE. Governo do Estado de Sergipe. **Relato de experiência**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura. Fundação Estadual de Cultura. Centro de Criatividade, 1987.

SILVA, Joana Gonçalves da. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2021.

SILVA, Valdenice Portela. **Uma proposta de tombamento do Centro de Criatividade Governador João Alves Filho**. Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação. Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo. Aracaju/SE, 2010.

SHARON, Abdalla. Esquecidos pelos curitibanos, Centro de Criatividade quer retomar sua vanguarda nas artes e no design. 2017. Disponível em: <https://revistahaus.com.br/haus/estilo-cultura/centro-de-criatividade-de-curitiba-oferece-cursos-a-populacao/>. Acesso em 30 dez. 2024.

SOUZA, Antônio Passos de. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2020.

SOUZA, Luiz José Fontineli de. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2018.

TAVARES, Neli de Almeida. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2020.

TRINDADE, Altair Oliveira. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues Silva Monteiro. Aracaju, Sergipe, 2020.

VARELA, Simone. **Olga Reverbél e a constituição do campo do ensino do teatro no Brasil na segunda metade do século XX**. 2017. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, 2017.

WESTBROOK, Robert; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Coleção Educadores. MEC/Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4677.pdf> Acesso em 12 mar. 2020.

Recebido em janeiro/2025 | Aprovado em abril/2025

MINI BIOGRAFIA

Rísia Rodrigues Silva Monteiro

Doutora e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; bacharel em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pelas Faculdades Integradas Tiradentes; licenciada em Pedagogia pela UNIT. Pós-doutora em Metodologias ativas e uso de Tecnologias da Informação e Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, com bolsa da FAPITEC/SE. Membro do GEPHED/CNPq/UFS.

E-mail: risiarodrigues@destaquenoticias.com.br

Joaquim Tavares da Conceição

Doutor em História (UFBA), pós-doutorado em Educação (UNICAMP). Professor Titular da UFS, com atuação no Colégio de Aplicação, no PPGED de no ProfHistória. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - PQ 2. Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação: Memórias, sujeitos saberes e práticas educativas (GEPHED/CNPq/UFS).

E-mail: jtc20111@academico.ufs.br